

O SERTA E SUA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Paulo Márcio Barbosa de Arruda Leite², Mércia Virgínia Ferreira dos Santos^{3,6}, José Carlos Batista Dubeux Junior^{3,6}, Mario de Andrade Lira⁴, Adriana Guim^{3,6}, Marta Gerusa Soares da Silva⁵, Valdson José da Silva².

Introdução

O Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA – foi criado em agosto de 1989, como uma organização não governamental. Fundada por um grupo de agricultores, técnicos e educadores, nos dois primeiros anos era conhecido como o “grupo do mutirão”, pois os técnicos moravam nas comunidades. Esse grupo sempre trabalhou na perspectiva da formação de jovens e capacitação de agricultores e professores, encontrando como principais barreiras a indiferença dos jovens e a resistência dos agricultores em mudar de um modelo convencional de agricultura para um modelo alternativo [1]. A partir de 1992, o SERTA passou a desenvolver propostas de políticas para o desenvolvimento rural e municipal nas áreas de produção agrícola, assistência social e educação. Nesse mesmo período, passa a construir relação com as escolas rurais e seus gestores, assumindo o desafio de construir uma proposta educacional para o meio rural, com produção de conhecimento útil às famílias, preocupando-se com o desenvolvimento local. Assim foi criada a Proposta de Educação Rural – PER, que tentou ser aplicada em alguns municípios, mas, com a dificuldade de não receber auxílio financeiro das prefeituras. Em 1996 o SERTA transfere-se para a Mata Sul e em 1997 passa a implantar o PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Já, no ano de 1999 o SERTA condiciona sua intervenção pedagógica apenas aos municípios que assumissem o PER integralmente – como uma decisão política dos seus gestores – e a extendessem a todas as escolas. Com os resultados satisfatórios, a proposta é levada para as escolas urbanas, de ensino básico e, em um município, até o ensino médio [2]. Nesse período ocorre a mudança de nome de PER para Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – PEADS [3]. A PEADS transformou-se na identidade principal do SERTA, tendo como pontos fundamentais em sua metodologia: a escola, a família e o aluno como produtores de conhecimento; o adolescente e o jovem como protagonistas; a família como parceira pedagógica [4]. Atualmente o SERTA atua como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – Oscip [5].

Objetivo

O presente estudo objetivou analisar a experiência em educação não formal desenvolvida pelo SERTA, sob os aspectos da gestão, de sua estrutura/funcionamento e de suas práticas pedagógicas.

Material e Métodos

O estudo foi desenvolvido em momentos distintos.

Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica, utilizando um conjunto de referências sobre o assunto, bem como informações constantes na página oficial da organização na internet.

Em seguida ocorreu uma visita a sede do SERTA, em Glória do Goitá, no dia 12/05/09 para buscar mais elementos para subsidiar o estudo.

Neste levantamento de dados, a experiência foi observada com base nos seguintes questionamentos: Como esta experiência se situa no quadro da estruturação e funcionamento da educação agrícola brasileira? Caso não seja uma experiência de educação agrícola, como se situa no quadro da educação brasileira em geral? Como se dá o processo de gestão na experiência educativa observada? Qual sua análise sobre esse modelo de gestão? Quais práticas pedagógicas caracterizam essa experiência? Em sua opinião quais as potencialidades e limitações dessa escolha?

Resultados e Discussão

Com a sistematização das informações levantadas, observou as seguintes análises a cerca dos questionamentos orientadores:

a) Como esta experiência se situa no quadro da estruturação e funcionamento da educação agrícola brasileira? Esta experiência em educação não formal do SERTA se enquadra como Educação do Campo, que “incentiva os sujeitos do campo a pensar e agir por si próprios, assumindo sua condição de sujeitos da aprendizagem, do trabalho e da cultura” [6].

b) Caso não seja uma experiência de educação agrícola como se situa no quadro da educação

1. Discente do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, R. Dom Manoel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife / PE. CEP 52171-900. E-mail: pmbaleite@gmail.com

2. Professor Adjunto do Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, R. Dom Manoel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife / PE. CEP 52171-900.

brasileira em geral? É um ensino de cunho técnico-sócio-político, fortalecendo uma educação do campo.

c) Como se dá o processo de gestão na experiência educativa observada? Na experiência educativa observam-se inovações, como por exemplo, na formação de agentes de desenvolvimento, onde o conteúdo pedagógico é discutido junto à comunidade.

d) Qual sua análise sobre esse modelo de gestão? É um modelo de gestão participada que tende a gestão democrática.

e) Quais práticas pedagógicas caracterizam essa experiência? Práticas construtivistas como a Pedagogia da Alternância, onde os jovens passam um determinado período estudando e pesquisando na unidade pedagógica de produção orgânica – UPPO (Fig. 1C), que é baseada nos princípios da agricultura Permacultural e depois voltam às suas comunidades para desenvolverem o que foi aprendido neste período.

f) Em sua opinião quais as potencialidades e limitações dessa escolha? Talvez, o que possa limitar essa experiência seja o subsídio financeiro – caso falte – que é oriundo de parcerias com instituições privadas e órgãos governamentais. Por outro lado, as potencialidades estão no trabalho com a formação geral, voltada mais para o entendimento da realidade social, não deixando de lado a questão técnica, porém com uma reflexão sociológica ampla.

Conclusão

A gestão tradicional ainda é observada na maneira como a instituição se apresenta, com um organograma hierarquizado e centralizado, principalmente, na figura do presidente. Porém, em sua experiência em educação

não formal, nota-se alguma inovação, já que a sala de aula perde a centralidade e os jovens e suas famílias são considerados sujeitos de sua própria realidade, logo, do seu próprio “aprender”.

Referências

- [1] CAVALCANTI, C. A. 2006. O SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa. In: FIGUEIREDO, M. A. B.; TAVARES DE LIMA, J. R. (orgs.) *Agroecologia: conceitos e experiências*. – Recife: Bagaço, p189-198.
- [2] BAPTISTA, F. M. C. 2003. *Educação rural: das experiências à política pública*. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – NEAD / Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável / Ministério do Desenvolvimento Agrário, Editorial Abaré, Brasília, 96 p.
- [3] PIRES, A. M. M. M. 2008. *Educação do campo e democratização: um estudo a partir de uma proposta da sociedade civil*. – Recife: O autor, 241f. Tese (doutorado) Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Educação.
- [4] MOURA, A.; VICENTE, I. A.; MARIA, I.; SILVA, S. (orgs.) 2006. *A proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável – PEADS: Múltiplos olhares de uma caminhada*. - Glória do Goitá, PE, 43 p.
- [5] SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa. [Online] Homepage: <<http://www.serta.org.br/>>
- [6] HAGE, S. 2005. *A importância da articulação na construção da identidade e pela luta da educação do campo*. In: I Encontro de formação dos Educadores do Campo do Nordeste Paraense, Bragança, abr. [Online] Homepage: <<http://www.pa.gov.br/portal/procampo/downloads/EDUCA%C3%87%C3%83O%20DO%20CAMPO%20X%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Rural%20-20Encontro%20do%20PRONERA%20em%20.doc>>.

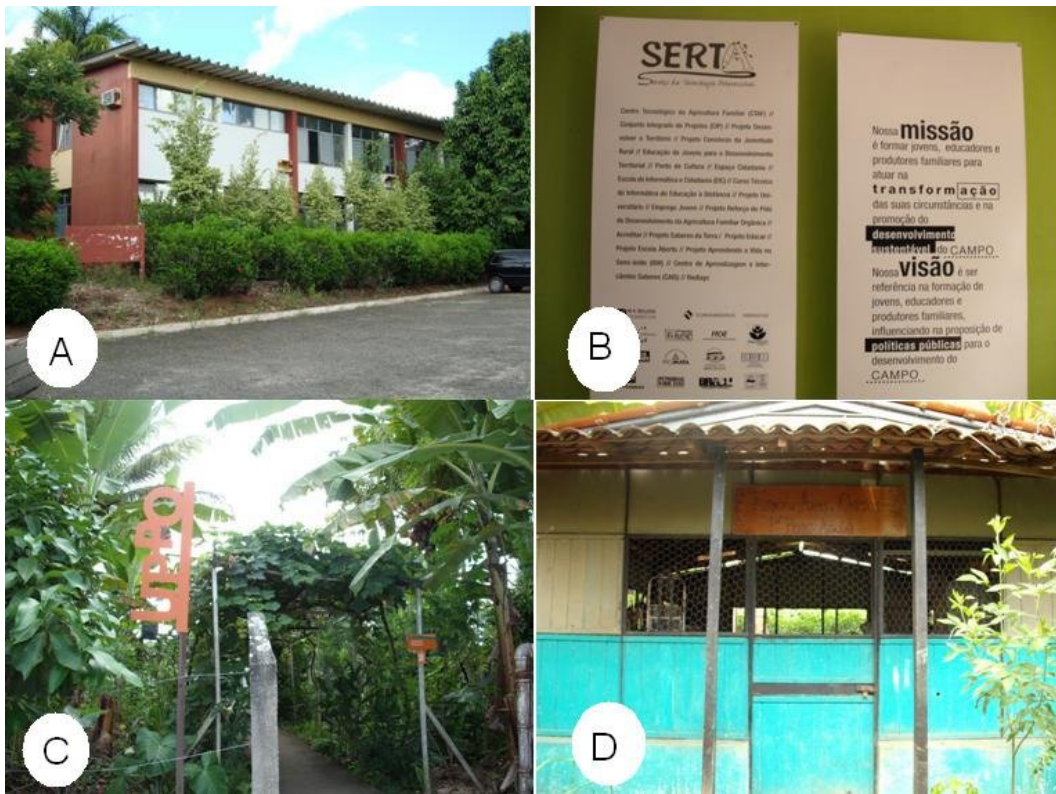


Figura 1. Fig. 1A, sede do Sertão em Glória do Goitá; Fig. 1B, painel descrevendo a missão do Sertão no campo educacional; Fig. 1C, unidade pedagógica de produção orgânica – UPPO; Fig. 1D, espaço de artes e ofícios dentro da UPPO.

